

# PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 25 | Dezembro 2001 | Preço: 1 Euro



P5 e P6 Actividades da Célula | P 8 e 9 Sete Cidades | P10 e 11 Pessoas  
P12 e 13 Actividades da Rede | P15 Associações | P16 Produtos e Produtores

Foto: João P.

25

Chegando ao fim da sua existência, a Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II pretende apresentar o capital construído e os produtos conseguidos ao longo de 33 meses de actividade, convidando a uma reflexão colectiva sobre o seu interesse e pertinência no futuro. É com esse objectivo que se vai realizar o último Encontro Nacional, que terá lugar em Faro, no dia 6 de Dezembro. Para além da vida e coesão que se conseguiu insuflar na rede através do trabalho de animação, existe um largo capital de instrumentos e métodos, alguns já bem apropriados pelas ADL, outros ainda em fase experimental, alguns já bem constituídos, outros ainda em elaboração.

Que continuidade dar a este capital em construção? Em que medida ele responde ou não aos desafios dos próximos anos? A reflexão sobre o futuro deve poder tomar em conta o caminho percorrido.



# A CÉLULA DE ANIMAÇÃO

## da Rede Portuguesa LEADER II termina

Em quase três anos de actividade, a Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II tentou, no curto espaço de tempo e com os meios de que dispunha, fazer o máximo para que a rede LEADER ganhasse força e coesão. Apesar das numerosas ligações e formas de colaboração que se criaram entre os grupos LEADER e entre actores de diversos territórios neste período, quer como consequência directa e indirecta do trabalho de animação da Célula, quer de outras actividades realizadas independentemente da Célula, o caminho a percorrer é ainda grande para que isso constitua uma real capacidade de actuar em comum, articulando diversas competências complementares para, por um lado, consolidar os processos de desenvolvimento a nível local e, por outro, conseguir afirmar os desafios da ligação aos mercados e da globalização. Assim, ao fim destes três anos, estamos ainda longe de ter conseguido a construção de uma rede suficientemente sólida para constituir um factor de sustentabilidade do desenvolvimento local em meio rural.

Contudo, a Célula de Animação da Rede LEADER II conseguiu lançar pistas e abrir caminhos novos neste campo, ainda quase virgem, da animação em rede a nível nacional. Graças à clareza do seu projecto inicial, conseguiu em três anos lançar um processo coerente por fases, iniciado com um trabalho de "animação directa" para construir um tecido de relações entre as ADL e os actores do desenvolvimento rural, por proximida-

de geográfica ou por temas, base essencial para se poder agora avançar na constituição de pólos de competências que permitam, em articulação, servir o conjunto da rede.

Este processo complexo conduzido ao longo de quase três anos, levou à construção de uma série de instrumentos e métodos, que hoje constituem um capital importante. Distinguiremos, por um lado, os instrumentos de apoio ao desenvolvimento local e, por outro, os instrumentos de comunicação.

### Instrumentos de apoio ao desenvolvimento local

Em termos de apoio ao desenvolvimento local, os trabalhos desenvolvidos com os grupos LEADER levaram à constituição de 4 tipos de instrumentos:

- os métodos de sistematização da intervenção no terreno, nomeadamente o que podemos chamar hoje o "kit metodológico da animação territorial", incluindo os métodos SAP, SEP e SIP. A elaboração progressiva destes métodos, produto de uma reflexão colectiva a nível de diversos grupos de trabalho, responde à necessidade de uma maior sistematização da participação dos actores locais nas diversas fases de um processo de desenvolvimento local (concepção, implementação e acompanhamento, auto-avaliação). Também no campo da animação local produziram-se alguns instrumentos de apoio, nomeadamente para a formação e a engenharia financeira.

- Os cadernos temáticos que constituem em si uma capitalização e sistematização da experiência do LEADER e uma explicitação dos desafios maiores que se colocam hoje para a rede nos principais temas do desenvolvimento local em meio rural.

- O Centro de Recursos para o Desenvolvimento Local, resultado de uma longa evolução na concepção da gestão da informação ao nível da rede: de uma concepção de conservação da memória do LEADER, passámos a uma lógica de serviço de documentação que tem evoluído neste último ano para um conceito interactivo de apoio informativo e formativo aos agentes de desenvolvimento local.

- A bolsa de experiências, lançada no último Encontro Nacional do Porto, que hoje se traduz nos primeiros "centros de competência" experimentais.

Ora cada um destes tipos de instrumentos inscreve-se num processo de construção que está longe de ser acabado. Coloca-se então, como fundamental, a questão da sua continuidade e utilidade para o futuro:

- no caso dos métodos de animação local, eles precisam ainda de um processo de afinação; através uma utilização mais sistematizada, o que poderá acontecer no LEADER+. Além disso, a evolução destes métodos ultrapassou já o nível nacional para ter uma dimensão transnacional, que aparece como um factor de reforço da sua qualidade.



## Momento de retrospectiva e prospectiva no V ENCONTRO NACIONAL EM FARO

- os cadernos temáticos levantam algumas questões fundamentais e são mais pontos de partida para um trabalho de reflexão em rede do que propriamente pontos de chegada. Temas como a agricultura e o desenvolvimento local, o desenvolvimento sustentável, a qualidade, escolas e desenvolvimento local, etc. são temas essenciais que foram postos na mesa por estes cadernos temáticos, abrindo perspectivas de trabalho em rede, como já começamos a ver no que diz respeito à agricultura.
- o Centro de Recursos para o Desenvolvimento Local está na fase inicial de um trabalho interativo com os agentes de desenvolvimento local. O lançamento recente de uma "newsletter" personalizada é um primeiro passo neste sentido e o caminho é ainda grande para poder afinar a plena pertinência deste serviço em relação às necessidades dos técnicos no terreno.
- Quanto à Bolsa de Experiências e aos centros de competências, eles estão ainda numa fase experimental e precisam ainda de muito trabalho para poder afirmar-se.

A questão que se coloca é, portanto, a pertinência da continuidade deste trabalho no quadro do LEADER+. Tendo em conta os grandes desafios do Programa, nomeadamente a qualidade da parceria local e da participação dos actores locais, assim como a cooperação nacional, parece claro que estes diversos instrumentos podem ser de

grande utilidade. Aliás, já na sua concepção foram pensados como instrumentos e métodos virados para o futuro. Se falamos por exemplo do método de auto-avaliação SAP, houve nitidamente uma evolução do método na perspectiva da sua aplicação no LEADER+ e o mesmo acontece com o SEP e agora o SIP (ver artigo neste número do jornal).

### Os instrumentos de comunicação e promoção

As actividades da Célula de Animação da rede LEADER levaram também à afirmação de um conjunto de instrumentos de comunicação e promoção que tiveram um papel fundamental de dinamização em todo o processo de animação da rede LEADER.

- É o caso, em primeiro lugar, do Jornal "Pessoas e Lugares". Procurando ser um jornal de animação da rede LEADER, o "Pessoas e Lugares" afirmou esta função e construiu uma imagem marcada ao longo dos últimos três anos. Apesar de não ter conseguido a desejável participação dos grupos LEADER, constitui hoje uma referência que poderá evoluir no futuro, procurando dar uma maior importância à sua função de promoção junto ao grande público.
- em segundo lugar, o site da Célula teve um papel de animação, e conheceu muitas evoluções durante estes três anos de vida. Neste momento, ele aparece como um instrumento de

ligação essencial entre diversos elementos da animação em rede, nomeadamente o centro de recursos para o desenvolvimento local, a bolsa de experiências e os centros de competências.

- o trabalho desenvolvido sobre os programas de rádio levou à constituição de um banco de som que participa na divulgação do mundo rural junto do grande público.
- finalmente, a exposição itinerante é também um instrumento de divulgação do LEADER a nível do país. A sua difusão nas diversas zonas rurais e urbanas tem contribuído para que o LEADER seja mais conhecido.

Contrariamente aos instrumentos de apoio ao desenvolvimento local, já não se pode falar aqui de uma fase de construção. Os instrumentos de comunicação já estão afirmados com tais e podem ser aproveitados no futuro. Como valorizar melhor este capital no LEADER+? Essa é a questão que se pretende debater no Encontro Nacional de Faro. A opinião das ADL será, sem dúvida, da maior importância para alimentar um debate de interesse ao nível de toda a rede LEADER.

Samuel Thirion  
sthirion@inde.pt

**Este é o terceiro artigo sobre o tema "Parceiros & Parcerias".**

**No primeiro falámos sobre a banalização inconsequente dos conceitos, no segundo abordámos muito ao de leve "os métodos utilizados nos processos de formação das parcerias", hoje tentaremos reflectir sobre a influência decisiva da natureza dos objectivos de cada parceria, sobre a democraticidade das suas práticas e os custos do seu funcionamento.**

# PARCEIROS & PARCERIAS [3]

Partindo sempre da mais genérica das definições: a de que uma parceria é "uma reunião de indivíduos para um fim de interesse comum", de alguma maneira..., coerência obriga, todas as "associações voluntárias" entre duas ou mais pessoas deviam ser consideradas "parcerias", pressupondo-se, por lógica elementar, que na base da sua associação, esteve um interesse comum.

Neste, como em muitos outros assuntos relacionados com "as pessoas, os seus lugares e comportamentos," o uso da elementar lógica é como olhar a floresta e não conseguir identificar as árvores!

Raramente nos apercebemos que, - ter um interesse comum - não é necessariamente a mesma coisa que, - ter um objectivo comum!

Embora o dicionário diga que a parceria se baseia num INTERESSE comum, penso que é mais frequente do que se julga, encontrar associações de 'parceiros' com interesses comuns, circunstanciais e /ou temporais, baseados em princípios até contraditórios, para atingir objectivos diferentes!

Uma das grandes dificuldades, eu diria mesmo, uma das grandes contradições a necessitar de muito trabalho e grande lucidez para que se possa transformar numa contradição de dinâmica positiva, é a que consiste em querer misturar parceiros e parcerias baseadas em interesses, com parceiros e parcerias fundadas em princípios idênticos e com objectivos comuns.

Claro que, parafraseando o Padre Américo, - "não há parceiros (rapazes) maus", nem uns são só interesseiros, nem outros só princípios e objectivos desinteressados. Mais do que isso, ninguém é imutável, e espera-se de toda a parceria, mesmo da mais imperfeita, que ela gere capacidade crescente de cooperação entre os parceiros, aumentando-lhes a capacidade de praticar o difícil exercício da democracia em causa própria.

Embora reconhecendo a relatividade de cada caso, não podemos cair na abstracção pura dessa relatividade. É necessário aproximar-nos dos casos e das práticas concretas que alimentam a nossa reflexão.

Por exemplo:

- Quando se pede às Associações (entidades) candidatas a gestoras locais do LEADER + que constituam uma abrangente e representativa parceria das actividades e competências do 'seu território' e que seja esta parceria a entidade conceptora do Plano de Desenvolvimento Local, Plano de Desenvolvimento de UM LOCAL que chega a abranger mais de 100 'comunidades' Freguesias; - está-se a pedir algo de razoavelmente realizável ou a solicitar qualquer coisa que, à partida, 'se sabe ser de faz de conta' e sem efeitos responsabilizadores?

- Será que os INTERESSES, já para não falar dos princípios nem dos objectivos, entre os dirigentes políticos locais (dos diferentes locais) serão os mesmos?

- Será que, entre funcionários públicos e empresariado, entre uma Freguesia e outra, entre organizações patronais e as organizações dos trabalhadores existem interesses comuns?

Claro que existem interesses comuns! Existem mas não claramente assumidos e pouco valorizados! Existem mas normalmente secundarizados por outros de interesse muito mais pessoal e imediato!

Existem ou é suposto que existam os INTERESSES LOCAIS... mas será que existe ou alguém trabalha efectivamente para que exista O INTERESSE LOCAL...? (entendendo-se por LOCAL a zona GEOGRÁFICA de intervenção dum GRUPO LOCAL - LEADER +)

Claro que é necessário tornar esses interesses menos 'egoístas' mais solidários, claro que é necessário provocar progressivamente novos comportamentos e atitudes para que as tais parcerias deixem de ser 'parcerias de papel'.

Mas se não se ignora a complexidade e lentidão de todos os processos de evolução social, por-

quê pretender "começar pelos telhados" e não por pequenas casas, mas logo por "grandes catedrais"?

Porquê insistir neste contra-senso de chamar LOCAL a um conjunto de Comunidades, nesta pretensão absurda de constituir uma parceria à escala destes espaços que são sub-regionais, sem se deter na necessidade de ir construindo, de baixo para cima, de cada local para conjuntos cada vez mais alargados de locais, parcerias que aprendendo a articular-se e complementar-se, possam realmente inovar e experimentar nas formas de organizar as nossas comunidades, do local ao global?

Porque não privilegiar o financiamento do trabalho de 'preparação' dos parceiros e da animação/dinamização das parcerias, considerando que uma parceria "nunca está construída" está sempre em evolução, necessitando de quem dela cuide em permanência como de qualquer ser vivo... em vez de solicitar parcerias acabadas, como se numa parceria efectiva, a sua fase de construção acabasse ao assinar a escritura ou o registo de casamento!

Mesmo no caso do LEADER, somos de opinião que a verdadeira importância da parceria não está nas assinaturas de adesão e concordância com o PDL de uma Entidade Local Gestora do LEADER, também pode não estar na associação formal de umas quantas instituições ou entidades locais à respectiva ADL, a verdadeira importância da Parceria está na implicação dos parceiros, no papel dos parceiros como potenciadores das transformações sociais e económicas das suas comunidades... e, para que isto seja possível, entendendo que as parcerias só fazem sentido, quando começam por ser verdadeiramente locais, respeitando todos os princípios distintivos das práticas de Desenvolvimento Local.

Ainda não é hoje que abordarei a questão dos custos de funcionamento das parcerias, a madrugada já vai longa e lá fora Lisboa acorda.

Lisboa, Novembro de 2001  
Camilo Mortágua  
mortagua@inde.pt

Os dois Cadernos Temáticos publicados pela Célula de Animação sobre o tema Agricultura e Desenvolvimento Local, em Março e Julho de 2001, respectivamente com os subtemas: "De uma Política Agrícola Comum a uma Política de Desenvolvimento Rural" e "Integrar a Agricultura no Desenvolvimento Rural", pretenderam ser um ponto de partida para uma discussão e uma reflexão mais alargada, envolvendo os diversos actores rurais. Para a sua apresentação pública e discussão das abordagens territoriais das políticas de apoio à agricultura e ao desenvolvimento rural, realizou-se um Seminário em Vairão (Vila do Conde) em 24 de Setembro, com uma ampla participação de técnicos da Direcção Regional de Agricultura do Entre Douro e Minho. Na sequência desse seminário, a Célula de Animação vai dar sequência à discussão, desta vez no Algarve, numa iniciativa em parceria com a IN LOCO.

O seminário tem como objectivos sensibilizar para a importância da integração da agricultura nas estratégias e programas de desenvolvimento rural, com base no trabalho realizado nos Cadernos Temáticos e, ainda, reflectir sobre as possibilidades de integração da agricultura numa abordagem territorial, recorrendo aos instrumentos financeiros actualmente existentes em Portugal e transmitir alguns exemplos ilustrativos.

Nas instalações da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, Braçais, Patacão, perto de Faro, o seminário decorrerá ao longo do dia 5. A abrir o período de trabalhos da manhã, a IN LOCO apresentará o interesse deste tema no seu território, a que se seguirá uma apresentação geral do tema da responsabilidade da Célula de Animação, com base nos Cadernos Temáticos publicados. No final da manhã, serão apresentados os CTE – Contratos Territoriais de Exploração, como exemplo de projectos integrados territoriais agro-rurais, seguindo-se um debate com a participação de responsáveis pela implementação desta política, em França.

À tarde, serão apresentadas e debatidas as experiências da Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho na criação de um Plano Zonal para o Parque Nacional da Peneda Gerês e, pela Liga de Protecção da Natureza, do Plano Zonal de Castro Verde, como passos significativos, a nível nacional, no sentido da integração da agricultura numa abordagem territorial.

Como habitualmente, este seminário dirige-se às ADL que trabalham em meio rural; aos técnicos e responsáveis do Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, em particular das Direcções Regionais de Agricultura e a outros actores do Mundo Rural e/ou investigadores.

#### PROGRAMA PROVISÓRIO

##### 5 de Dezembro

09h00   09h30	<b>Sessão de Abertura.</b> - Intervenção da Célula de Animação LEADER (CAL) - Intervenção da Direcção Regional de Agricultura
09h30   10h15	Porquê integrar a Agricultura numa Abordagem Territorial – Apresentação conjunta da Direcção Regional de Agricultura do Algarve e da IN LOCO
10h15   11h00	Apresentação do tema "Agricultura e Desenvolvimento Local" – CAL
11h00   11h15	Pausa para café
11h15   12h00	Apresentação de um exemplo de projecto integrado territorial agro-rural: a política dos CTE, em França, e a sua aplicação no Val d'Adour - Olivier Baccialone, GAL Euradour
12h00   13h00	Debate sobre o tema:
13h00   14h30	Almoço
14h30   16h00	Apresentação de dois exemplos portugueses - O Plano Zonal do Parque Nacional da Peneda Gerês. Princípios, Objectivos, Medidas de Implementação. DRA Entre Douro e Minho e Parque Nacional Peneda Gerês. - O Plano Zonal de Castro Verde e a Conservação da Estepe Cerealífera – Liga de Protecção da Natureza.
16h00   16h15	Pausa para café
16h15   17h30	Debate
17h30	Encerramento dos trabalhos

No âmbito das actividades da Célula de Animação da rede portuguesa LEADER II, está prevista a realização de dois encontros anuais com a participação de todos os grupos LEADER bem como dos beneficiários da medida B2, numa organização em parceria com a Direcção Geral do Desenvolvimento Rural e a Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER.

Quatro Encontros Nacionais marcaram assim momentos importantes de balanço e reflexão colectiva ao longo dos trinta e dois meses de actividades da Célula de Animação. Este V Encontro, a realizar em 6 de Dezembro de 2001, ou seja já no fim do funcionamento da Célula de Animação da Rede LEADER II, é um encontro de encerramento e de ligação com o futuro. Este Encontro será realizado em Faro – Patacão, na Direcção Regional de Agricultura do Algarve.

Este V Encontro Nacional tem dois objectivos:

#### 1. Um objectivo de informação

Na ocasião do Encontro serão apresentadas informações, nomeadamente:  
- sobre o encerramento do LEADER II pela Comissão Nacional de Gestão,  
- sobre o LEADER + pela Direcção Geral do Desenvolvimento Rural.

#### 2. Um objectivo de encerramento

No final das actividades da Célula de Animação da Rede LEADER II existe um certo número de produtos e instrumentos disponíveis, que resultaram das suas actividades. Muitos destes produtos já estão finalizados e disponíveis. Outros estão ainda numa fase de produção. Este último Encontro Nacional será a ocasião de fazer um balanço de todos os produtos existentes e de analisar com o conjunto dos grupos LEADER a sua pertinência e utilidade no futuro. Iremos distinguir nomeadamente:

- os diversos instrumentos de apoio ao desenvolvimento local (Métodos de intervenção a nível local, centro de recursos para o desenvolvimento local, centros de competências e cadernos temáticos),
- os produtos de comunicação (jornal, site internet, programas de rádio e exposição itinerante)

O Encontro Nacional será organizado, desta vez, num só dia. Iniciar-se-á com informações sobre o encerramento do LEADER II pelo Presidente da Comissão Nacional de Gestão; a seguir serão apresentados e analisados os instrumentos de apoio ao desenvolvimento local que decorreram das actividades da Célula de Animação. À tarde serão apresentados e analisados os produtos de comunicação e, finalmente, terminará com um momento de informação sobre o LEADER + pelo Dr. Luís Duarte, gestor da Iniciativa Comunitária LEADER +.

#### PROGRAMA PROVISÓRIO

##### Quarta-feira, 5 de Dezembro

18.00h	Recepção dos participantes
20.00h	Jantar

##### Quinta-feira, 6 de Dezembro

09.00h	Abertura do Encontro com o Director-Geral do Desenvolvimento Rural, Eng. Rui Barreiro (convidado)
09.30h	Informação sobre o encerramento do LEADER II intervenção do Eng. Nuno Jordão
10.00h	Apresentação geral dos produtos da Célula em termos de instrumentos de apoio ao desenvolvimento local
11.00h	Pausa café
11.15h	Debate sobre a utilidade de cada produto e expectativas para o futuro - O centro de Recursos - A Bolsa de Experiências e os Centros de Competências - O Kit metodológico de apoio ao DL (métodos SAP, SEP, SIP) - Os cadernos temáticos - Os Cdrom (formação, eng. financeira,...)
13.00h	Almoço
14.30h	Apresentação geral dos produtos de Comunicação - O jornal - O Site - Os programas de rádio - A Exposição Itinerante
15.00h	Debate sobre a utilidade de cada produto e expectativas para o futuro
16.00h	Debate sobre o balanço das actividades da Célula de Animação da Rede LEADER II, em geral
16.30h	Pausa para café
16.45h	Informação sobre o LEADER +
17.30h	Sessão de encerramento com o Sr. Secretario de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Eng. Vitor Barros (convidado)
18.00h	Refeição ligeira e animação

No próximo dia 18 de Dezembro realizar-se-á na região do Oeste, em local ainda a designar o último seminário nascido das actividades de animação da rede LEADER II, já com os olhos fixos no LEADER +. A análise e acompanhamento de projectos é um tema que surgiu das preocupações dos grupos LEADER II durante as actividades da Célula de Animação e que revela uma plena actualidade por ocasião do lançamento do LEADER +. O método SIP (Sistematização da Informação Participativa), que nasce deste processo, vai também ao encontro da preocupação da Direcção Geral do Desenvolvimento Rural em dispor de um sistema de gestão da informação a nível nacional sobre os projectos do LEADER +. Daí que o seminário pretenda juntar duas vertentes complementares: a apresentação do método SIP, efectuada pelo grupo das ADL que participaram na sua elaboração, e a apresentação dos requisitos da DGDR em termos de acompanhamentos de projectos no LEADER +, nomeadamente através a utilização do software Winleader.



# MÉTODO DE ANÁLISE E ACOMPANHAMENTO DE PROJECTOS

Seminário no Oeste a 18 de Dezembro

## Um método de animação local

Quando começamos a debater sobre o acompanhamento de projectos, descobrimos rapidamente que é um assunto que tem muitas vertentes interligadas. De facto, antes do acompanhamento de projectos, vem todo um conjunto de fases, ou seja: a comunicação aos potenciais promotores de projectos, o trabalho de apoio aos mesmos para os incentivar / ajudar a montar um projecto (suscitar os projectos), a análise de projectos, a selecção, a contratualização com o portador do projecto e, finalmente, o acompanhamento da realização propriamente dita. Ora cada uma destas fases tem implicações metodológicas diferentes, e todas podem ser conduzidas de maneira a assegurar uma maior proximidade das populações, facilitar a montagem de projectos pelos grupos sociais mais desfavorecidos e criar uma verdadeira parceria com os portadores de projectos.

Foi com esta preocupação que o grupo de trabalho constituído sobre este tema concebeu o método SIP (Sistematização da Informação Participativa). Tratou-se, antes de mais, de identificar as melhores maneiras de conduzir um processo de lançamento, análise, selecção e acompanhamento de projectos, para obter a maior mobilização local possível, gerando iniciativas, parcerias e coesão social. Apoiando-se sobre o capital de experiência das ADL no LEADER I e II e sobre novas ideias para o LEADER +, foi possível conceber um método que hoje pode servir de referência para o LEADER +.

No que diz respeito às fases anteriores ao acompanhamento, o método SIP apresenta uma série de quadros de análise, ideias, métodos e exemplos de aplicação que poderão ser muito úteis para os grupos LEADER, para conceber o seu trabalho de animação no terreno quer seja para incentivar as iniciativas locais, apoiar os portadores de projectos, analisar e comparar a pertinência dos projectos, etc.

Quanto ao acompanhamento propriamente dito, o método SIP não se limita ao acompanhamento quantitativo (procedimentos e realização física e financeira do projecto) mas dá também uma grande importância aos aspectos metodológicos na implementação dos projectos, partindo do princípio que é mais nos métodos do que no conteúdo dos projectos que se encontra a verdadeira mais valia do LEADER. Por exemplo a construção de uma ponte pode ser feita de maneira "clássica" (decisão centralizada, sem consulta a população, sem ligação com outros sectores, etc.) ou de uma maneira participativa, com uma parceria local, valorizando recursos locais, etc. daí que a mesma ponte pode ter efeitos completamente diferentes segundo a forma em que foi realizada.

Ora a importância dos aspectos qualitativos na recolha de informação passa também por uma maior participação de outros actores locais na produção dessa informação. Daí que o método SIP apresente também várias ideias e instrumentos para uma participação activa de outros parceiros, na ADL ou fora dela, no acompanhamento do projecto (como por exemplo fichas de visitas de projectos, reuniões de avaliação comum, etc.).

## Que pode servir para o nível nacional

Uma outra preocupação para a qual o grupo de trabalho que elaborou o método SIP tentou encontrar resposta foi permitir uma certa homogeneização da informação entre os grupos LEADER, para facilitar a sua compilação a nível nacional, indo ao encontro de uma questão fundamental posta pela Direcção Geral do Desenvolvimento Rural. A participação de um elemento da DGDR neste grupo facilitou esta ligação e, hoje, está na mesa a articulação do método SIP com as directrizes do Organismo Intermediário em termos de acompanhamento do LEADER +.

O seminário a realizar no Oeste será um momento essencial nesta articulação, uma vez que serão apresentadas, também neste seminário, algumas indicações em termos de gestão da informação no LEADER + pelo Dr. Luís Duarte, nomeadamente no que diz respeito à utilização do software Winleader.

Assim, na base dos resultados do seminário, poderá haver outros ajustamentos no método SIP, que serão introduzidos pelo grupo de trabalho, para que o método esteja em plena sintonia com os objectivos e indicações do Organismo Intermediário gestor do LEADER + e possa servir de referência para esta iniciativa a nível nacional.

S.T.

PS: informações mais concretas e o programa do seminário estão disponíveis na Célula de Animação.

# AGENDA DA REDE

## SEMINÁRIO AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Auditório da Direcção Regional de Agricultura do Algarve – Patação, Faro  
5 de Dezembro

"Integrar a dimensão agrícola numa abordagem territorial", é o tema de um novo capítulo de uma história que começou no Jornal Pessoas e Lugares, da Célula de Animação LEADER II. Os dois Cadernos Temáticos, publicados nesse órgão de comunicação, sobre o tema Agricultura e Desenvolvimento Local, em Março e Julho de 2001, respectivamente com os sub-temas: "De uma Política Agrícola Comum a uma Política de Desenvolvimento Rural" e "Integrar a Agricultura no Desenvolvimento Rural", pretenderam ser um ponto de partida para uma discussão e uma reflexão mais alargada, envolvendo os diversos actores rurais. Na sequência do seminário realizado em Vairão, em Setembro, a Célula de Animação em parceria com a IN LOCO, pretende dar mais um passo neste sentido.

Contactos: Célula de Animação LEADER  
Rua Marquesa de Alorna, 34-2º esq.  
1700-304 Lisboa  
Tel: 21 844 65 95  
Fax: 21 844 66 23  
caleader@inde.pt

## V ENCONTRO NACIONAL DA REDE LEADER

Auditório da Direcção Regional de Agricultura do Algarve – Patação, Faro  
6 de Dezembro

Realiza-se no âmbito das actividades da Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II (CAL), em parceria com a Direcção Geral do Desenvolvimento Rural e a Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER. Este Encontro Nacional tem objectivos a dois níveis:

Informação sobre o encerramento do LEADER II (CNG LEADER) e sobre o LEADER+ (DGDRural); Análise dos produtos e instrumentos que resultaram das actividades da CAL (a sua pertinência e utilidade no futuro).

Contactos: Célula de Animação LEADER  
Rua Marquesa de Alorna, 34 - 2º esq.  
1700-304 LISBOA  
Tel: 21 844 65 95  
Fax: 21 844 66 23  
caleader@inde.pt

## INICIATIVAS COM INTERESSE

### VISITAS ÀS PLANÍCIES CEREALÍFERAS DE CASTRO VERDE

Estas visitas, organizadas pela LPN, realizam-se, em regra, todos os primeiros Sábados de cada mês, e consistem num passeio em viatura todo-o-terreno e com percursos pedestres, para observação da fauna e interpretação da paisagem e visitas a pontos de interesse patrimonial (património histórico e cultural). A duração é de um dia inteiro, com almoço típico incluído. A visita é orientada por um monitor da LPN e é fornecido um telescópio, binóculos e guias de identificação de aves.

Contactos: [www.lpn.pt](http://www.lpn.pt)

### XIV CURSO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

#### "Zonas Húmidas"

22-24 de Fevereiro de 2002

30 anos após a Convenção de Ramsar, ratificada por Portugal, é urgente fazer um ponto da situação no nosso país. A situação é actualmente de acelerada degradação destes ecossistemas.

A convivência destas actividades com a conservação das zonas húmidas não é possível sem planos de ordenamento que promovam a gestão e controlem este tipo de actividades.

O curso tem uma parte teórica com 12 palestras e uma parte prática numa visita guiada a uma zona húmida que é sítio Ramsar.

Com este Curso, pretende-se: Sensibilizar e actualizar a comunidade em geral para esta temática; Demonstrar que não há conservação da natureza sem a participação activa da população; Incentivar os formandos para a defesa da qualidade do ambiente; Promover uma mudança de comportamentos e mentalidades, desenvolvendo uma consciência ecológica eficaz e esclarecida nos diferentes meios sociais e nas gerações futuras, que irá contribuir para o desenvolvimento sustentável do planeta. Inscrições até 15 de Fevereiro de 2002

Contactos: Centro de Formação Ambiental da LPN  
Estrada do Calhariz de Benfica, 187 1500-124 Lisboa  
Tel: 21 778 00 97 / 21 774 01 55  
Fax: 21 778 32 08  
[www.lpn.pt](http://www.lpn.pt)

### 6º CONGRESSO DA ÁGUA

Centro de Congressos de Alfândega, Porto  
18-22 de Março de 2002

"A água é fonte da vida" diz o saber popular. Com efeito, a vida depende da água, razão pela qual esta é e será, hoje e sempre, o bem mais valioso. Com esta referência, e realizando-se o 6º Congresso da água no Porto, junto ao Rio Douro, a APRH seleccionou para tema deste evento "A Água é d'Ouro – Ameaças, Segurança e Soluções". O 6º Congresso da Água constitui-se como o espaço adequado para divulgar e debater a temática relevante para a gestão dos recursos hídricos junto de investigadores, técnicos, gestores e responsáveis que exercem a sua actividade nesta área.

Na sua organização será privilegiada a realização de debates, mesas redondas e comunicações técnicas e científicas com a colaboração de oradores convidados e autores de comunicações livres.

No espaço anexo aos auditórios reservados para as sessões técnicas, realizar-se-á uma exposição documental, de equipamentos e de produtos relacionados com o tema do 6º Congresso da Água.

Contactos: APRH – Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos  
a/c LNEC – Av. do Brasil, 101  
1700 – 066 Lisboa  
Tel: 21 844 34 28  
Fax: 21 844 30 17  
[aprh@aprh.pt](mailto:aprh@aprh.pt)  
[www.aprh.pt/congressoagua2002/6ca\\_index.html](http://www.aprh.pt/congressoagua2002/6ca_index.html)

## E-BOLETIM DO CENTRO DE RECURSOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Vote já na lista do desenvolvimento local!

Inscreva-se,

clique nos seus temas de interesse

e receba o seu boletim electrónico

com notícias e informações à sua medida

Lista do Desenvolvimento Local

<http://caleader.inde.pt/cr/index.htm>

- Ⓢ apoio às PME e financiamento local
- Ⓢ formação, educação e escola
- Ⓢ ambiente e património natural
- Ⓢ poder local e cidadania
- Ⓢ cooperação e redes
- Ⓢ animação e agentes de desenvolvimento
- Ⓢ agricultura, pecuária, floresta e pescas
- Ⓢ turismo e lazer
- Ⓢ inclusão social e luta contra a pobreza
- Ⓢ comunicação e media
- Ⓢ transformação agroalimentar, artesanato e produtos locais
- Ⓢ local – global
- Ⓢ serviços à população
- Ⓢ infra-estruturas
- Ⓢ cultura e património cultural

"um para todos, todos para um"



# SETE CIDADES

## Lagoas e muito mais

A origem do nome Sete Cidades perde-se no tempo... Conta-se que é consequência das sete crateras resultantes de erupções vulcânicas que deram origem às lagoas Verde, Azul, Rasa, Canário, Santiago e Caldeira Seca e do Alferes.

Segundo o grande historiador micalense, Gaspar Frutuoso, a formação da grandiosa Caldeira das Sete Cidades, e das suas duas lagoas, deu-se pouco tempo depois do começo da colonização, isto é, no século XV, mas os diversos cataclismos sísmicos a que a ilha foi sujeita, e a beleza inédita das lagoas das Sete Cidades levaram a imaginação popular a misturar factos com lendas de encantamento e mistério. São conhecidas seis, todas elas de criação literária, mas a que fala de uma princesa que vivia no antigo reino das Sete Cidades é a mais conhecida.

Diz a lenda que "um belo dia, nos seus passeios, a princesa encontrou um jovem pastor e que da conversa nasceu um grande amor. Mas a princesa tinha o destino marcado com um príncipe herdeiro de outro reino. Proibida de ver o jovem pastor, encontraram-se uma última vez, e choraram tanto que a seus pés se formaram duas lagoas: uma azul feita das lágrimas caídas dos olhos azuis da princesa e outra verde, das lágrimas derramadas pelos olhos verdes do jovem pastor. Afastados para todo o sempre, as lagoas feitas pelas lágrimas de ambos, essas jamais se separaram...".

Uma lenda... sem dúvida, mas a beleza das lagoas, cujo nível das águas se situa a 251 metros do nível do mar e, no seu conjunto, atingem um perímetro de 15 quilómetros, constituiu desde sempre uma das mais belas referências de São Miguel e a alma de Sete Cidades. Uma pequena freguesia situada no interior da cratera da Caldeira, na margem Oeste da Lagoa Azul, a 32 quilómetros da sede do concelho a que pertence, Ponta Delgada.

Nas Sete Cidades, a pecuária e alguma agricultura em regime de auto-consumo são

as principais actividades dos seus 860 habitantes, mas o turismo tem assumido nos últimos anos uma progressiva relevância. A beleza das lagoas e todo o património da freguesia têm garantido a sua procura mas a inexistência de infra-estruturas, nomeadamente de alojamento, sempre foi, e continua a ser, um dos maiores obstáculos à permanência de forasteiros.

Nos anos 60/70 existiram vários projectos para colmatar esta lacuna, designadamente, o de uma grande estrutura hoteleira na Vista do Rei, que chegou a ser construída (hoje completamente abandonada), mas não conseguindo quebrar o isolamento do lugar, revelou-se um enorme fracasso.

Actualmente, utilizar todas as potencialidades turísticas e criar condições para levar os turistas à povoação das Sete Cidades, é uma das linhas de força de um projecto em curso, cuja maior atenção recai, no entanto, nas questões ambientais, nomeadamente no precário equilíbrio ambiental da bacia hidrográfica das Sete Cidades.

### Conservar e desenvolver, já

As primeiras vozes em defesa do património paisagístico das Sete Cidades fizeram-se ouvir no início de 1966, mas a verdade é que só na década de 90, graças a iniciativas de movimentos e organizações ambientalistas - como a SOS Lagoas - é que população, autarquias e organismos governamentais se uniram, pela primeira vez, em torno da defesa das lagoas.

Mesmo depois de classificada como Paisagem Protegida (pelo Decreto-Regional n.º2/80/A, de 7 de Fevereiro), Sete Cidades nunca foi, efectivamente, alvo de uma estratégia que tivesse (como a própria legislação preconiza) por objectivos a sua conservação e desenvolvimento - as duas palavras-chave quando se fala em "áreas protegidas" -, uma vez que as medidas de protecção defi-

**A beleza natural de Sete Cidades faz desta pequena freguesia a Oeste da cidade de Ponta Delgada um dos lugares de maior interesse de São Miguel. Não há guia ou roteiro turístico que não tenha uma imagem das Lagoas Verde e Azul - um ex libris dos Açores. Deslumbrados pela paisagem, pela maravilha da vegetação, pelo pitoresco do povoado, os turistas ignoram, porém, que aquele património se encontra ameaçado.**



fotos: Paula Santos

nidas pelo mesmo documento, e reforçadas por um segundo em 1995, nunca foram aplicadas.

Atentas, e solidárias, com Sete Cidades têm estado duas associações locais de desenvolvimento de São Miguel: ARDE e Terra-Mar. A primeira, através do Programa LEADER II, apoiou cinco projectos na freguesia de Sete Cidades; três a nível patrimonial e os restantes a nível educativo; como foi o caso do financiamento da construção de uma estufa na Escola de Sete Cidades, com o objectivo de sensibilizar as crianças para as questões ambientais, porque, como se costuma dizer e como lembra a Professora da escola, Zélia Travassos, "é de pequenino que se torce o pepino". (ver caixa)

A Terra-Mar, oriunda das lutas pela conservação do ambiente nos Açores, lançou a si própria o desafio de elaborar e conceber uma "Estratégia e Metodologia de Intervenção para o Desenvolvimento Sustentável da Freguesia das Sete Cidades".

Segundo os responsáveis pela associação, chegou o momento de a associação "pôr todas as competências e meios ao serviço de um território". Facilitar a comunicação entre a população com as suas entidades e colectividades locais e os técnicos envolvidos, e criar condições junto da população da freguesia que impulsionem a mudança necessária, é o lugar que a Terra-Mar se propõe ocupar neste processo.

De acordo com a proposta da Terra-Mar, é urgente actuar a vários níveis (eutrofização da lagoa, reconversão da pecuária, assistência médica, turismo) mas, o mais importante, é que "a reabilitação da freguesia passe, em primeiro lugar, pelo reforço das condições de vida daqueles que lá habitam, num processo por eles liderado".

Trata-se de um processo de fortalecimento da consciência colectiva para o qual é obrigatório juntar as vontades e todos os meios: técnicos e financeiros. E, por isso, a Terra-Mar não está sozinha. As entidades e colectividades locais, as autarquias, associações de desenvolvimento local e ambientais, a Universidade estão envolvidas desde o início.

Espera-se agora - espera a Terra-Mar e esperamos todos - que o projecto, que terá a duração de quatro anos, e no qual o Programa LEADER+ poderá vir a ser um contributo importante, se inicie o mais rapidamente possível. Pois, como muito bem lembram os seus autores, "para além de ser necessário agir sobre o mal já feito, o mais urgente é parar de estragar aquela lagoa, património da humanidade".

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt



## Zélia Travassos

A primeira aluna da Escola das Sete Cidades a exercer funções docentes

"Aqui nasci, aqui vivo, aqui trabalho. Adoro a minha terra". Só com estas palavras, Zélia Maria Feliciano Valério Travassos (de seu nome completo) já, mesmo sem querer, responde porque não pode "virar as costas à terra".

Zélia nasceu nas Sete Cidades, frequentou a escola daquela localidade e, depois de concluir os estudos em Ponta Delgada, voltou para leccionar. "Comecei a dar aulas aqui, na Telescola, depois fui para Feteiras e agora cá estou novamente". Feitas as contas, já lá vão 25 anos a ensinar o b, a, bã aos mais pequenos.

É por defender que é pelas crianças que se deve começar a incutir determinados valores, como o respeito pela Natureza, é que a professora Zélia se lembrou de construir uma estufa no jardim da escola com o objectivo de sensibilizar os alunos para o ambiente.

Daí ao LEADER foi um passo. A professora corrige: ainda foram necessárias algumas viagens Sete Cidades - Ponta Delgada para que, primeiro, viesse o sim, e depois, o dinheiro. Chegou a pensar no pior... "Às vezes animam-nos com ideias mas depois as coisas nem sempre acontecem".

Ao mesmo tempo que se confessa, dizendo que vive intensamente tudo o que faz e que, por isso, chega a sofrer, Zélia dá mostras de uma força inabalável, ao enunciar mais uma mão chela de projectos nos quais está empenhada. Como, por exemplo, a licenciatura que está prestes a terminar. "Um sacrifício muito grande, uma violência", admite mas "quando me empenho a fazer uma coisa, faço mesmo, nem que me arrebeite". Zélia é casada, mãe de três rapazes e uma rapariga (bióloga a trabalhar no Pico), pelo que tempo não é coisa que lhe sobre muito. Contudo, esta mulher não consegue estar parada.

### depois da estufa, um rancho folclórico infantil, as obras da igreja

Depois da estufa na escola, um projecto financiado pelo LEADER, através da associação ARDE, Zélia, porque gosta muito de

música - justifica-se - teve a ideia de formar um folclórico infantil. Do dinheiro para comprar os tecidos para os trajes - onde mais uma vez o contributo do LEADER foi precioso - aos instrumentos musicais, ensaios, etc., ela pensou em tudo, nos mais ínfimos pormenores. Em relação aos trajes, por exemplo, Zélia, inspirada na beleza das Lagoas, pensou em verde para as saias das meninas jogadas com aventais de linho branco bordados com hortênsias azuis - "tudo idealizado por mim e escrito no projecto".

Depois, quase ao mesmo tempo, surgiu a ideia de restaurar a igreja das Sete Cidades. Um exemplo de projecção romântica do princípio do século e um símbolo importante da terra, cuja progressiva degradação a professora não conseguiu assistir indiferente. Desta vez, foi a Comissão da Igreja que propôs o projecto à ARDE mas, tal como das outras vezes, a resposta foi positiva.

"Sete Cidades é um ex-libris não só dos Açores como de Portugal inteiro, por isso, como cidadã desta terra tenho obrigação, responsabilidade de fazer alguma coisa. O meu objectivo é ir em frente, independentemente do que está feito ou por fazer. Este é o meu lema", confidenciou-me a professora Zélia naquela tarde de Domingo, dia de festa. Dia de Portugal e o dia em que as celebrações das Festas do Espírito Santo chegavam ao fim.

Seguindo em cortejo, rapazes de faixa branca decorada, acompanhados pela banda de música, e pela população, apresentaram-se junto da igreja e do coreto onde, depois de conhecidos os nomes que terão as "domingas" no ano seguinte, é servido pão (massa com carne) e vinho a todos os presentes.

Uma tradição de longa data que as gentes das Sete Cidades, fazem questão de reviver todos os anos. "As pessoas vivem este espírito de união, de comunidade; uma força inexplicável", diz a professora Zélia, enquanto me alcança uma fatia de pão.

Não sei se lhe cheguei a agradecer... Obrigada Professora Zélia!

Paula Matos dos Santos



**Considera-se um "insatisfeito", e por isso está sempre à procura de coisas novas. É um experimentador no domínio do artesanato, mas também na vida. Foi assim, que depois de muitos anos passados longe da terra que o viu nascer, acabou por regressar à Serra da Nogueira, acabando por aí se estabelecer.**

## António Fernandes, artesanato na Serra da Nogueira **UM ARTESÃO EM MUDANÇA**

Meia dúzia de quilómetros após a saída de Bragança, um caminho de terra esgueira-se para fora do asfalto rasgando um pequeno declive. Atravessada a ladeira, cinco minutos de caminho descobrem por entre montes e arvoredos um vale recatado escondido na serra da Nogueira. Neste recanto, emerge uma casa de pedra, rodeada por uma horta e por algumas árvores de fruta.

Aqui é o refúgio de António Fernandes. Esconderijo secreto que guarda para si e para a sua família, no qual se dedica ao artesanato em madeira. Constrói instrumentos musicais tradicionais e móveis rústicos. Tímido, de olhar esquivo, acorre à chegada da forma mais calorosa que a natureza introvertida lhe permite. Discurso tranquilo, quase sussurrado, cruza os braços por cima da t-shirt amarela, num gesto de desconforto.

Por entre a verdura, três miúdos brincam com bicicletas e bolas de futebol. Nos intervalos vão para casa ver televisão. Parece comum, mas há alguns meses não seria assim. Antes, António Fernandes recusava a "caixa que mudou o mundo". Mas os insistentes pedidos dos filhos fizeram-no mudar de ideias. Em má hora. "Se eu soubesse... Agora, estão sempre agarrados aquilo", brinca com a seriedade do aborrecimento.

Sentado no poial da casa, mais descontraído, acede a narrar as suas histórias. Avesso a falar de si, não gosta de falar da vinda para a serra da Nogueira como "um regresso". Prefere chamar-lhe "uma opção". "Eu não considero um regresso, acho que a vida é um barco, uma coisa que anda à deriva". Aconteceu ser na Nogueira, como podia ter sido noutra local qualquer. Antes de vir para Bragança, em conjunto com Branca, a sua esposa, ainda procurou no Algarve e Alentejo, mas faltava qualquer coisa. "As pessoas não são tão hospitaleiras como aqui, estão mais à defesa... e uma pessoa não se identificava com aquela cultura", lembra.

Rumou a norte, de onde partira anos antes, mas estava determinado a não voltar para a aldeia. Queria um lugar só para si e para a sua família, longe dos olhares curiosos dos outros. "Estar aqui no campo isolado e não estar a viver na aldeia é uma opção de vida". Uma opção que se justifica por uma forma de estar, "talvez com a tendência para procurar o isolamento e não viver em conjunto com outras pessoas".

### Infância passada em África

Não que lhe desagrade a convivência com os outros. Gosta apenas de preservar a sua intimidade, e guarda uma relação com o espaço que lhe ficou de Moçambique. África é outro mundo. Ainda hoje guarda saudades, talvez por lá ter passado os anos dourados da infância e juventude. Saído de Trás-os-Montes com sete anos, acompanhou os pais na aventura da colonização. Tinham casa e terra à espera deles, um clima agradável e um solo fértil. Por lá ficaram até que a guerra os expulsou. Pouco depois do 25 de Abril, os Fernandes regressaram às origens.

No regresso a Portugal, ainda viveu na localidade. Nesse período "convivi muito com os rapazes da aldeia". Foram os tempos de maior sociabilidade. Só que "tinha de estar a beber copos ou a jogar... Eu acompanhava e bebia, mas tinha alguma dificuldade". Estava decidido. A sua felicidade não passava pelo convívio forçado com copos de vinho nem por baralhos de cartas.

Pouco seduzido pelo frio e pela rochosa paisagem transmontana, aventurou-se então à descoberta deste país que lhe era completamente novo. Em meados dos anos 70, em Lisboa é apanhado pelo entusiasmo pelo artesanato. Foi aquele período "da geração hippie, como se costuma dizer", em que era fácil vender uns brincos, um fio ou uma pulseira. "Começou um pouco por necessidade de sobrevivência, até que a pessoa começou a encarar isso mais a sério e a fazer daí um estilo de vida."

Em Lisboa fazia o que podia, mediante a disponibilidade de materiais. Um flautas de cana e outras coisas simples, possíveis com os poucos recursos encontrados na região. Embora tivesse encontrado uma actividade com que se identificava, não era completamente feliz. Sentia que não pertencia à cidade. "Havia uma necessidade de viver no campo e da pessoa estar um bocadinho ligada à agricultura". Foi a época em que percorreu o país à procura de um lugar no mundo rural, no qual pudesse assentar, acabando por retornar a Bragança.

Impelido por este desejo, comprou este terreno a um primo em segundo grau, por um preço quase simbólico. O lugar era bonito e isolado como António e Branca desejavam, mas faltava um abrigo. Deitaram mãos à obra e construíram a casa. Foi uma aventura. "Começamos isto praticamente com uma pá e uma picareta, na altura nem carro tínhamos". Pedra a pedra, puseram o sonho de pé, em cinco anos.



Fotos: João Limão

#### "Faz parte de mim trabalhar a terra"

O regresso deveu-se mais à agricultura do que ao artesanato. Apesar da agricultura não ser praticada para sustento da família, "faz parte de mim trabalhar a terra, cultivar plantas e árvores". A par da agricultura desenvolve-se o artesanato. É uma relação natural.

Na Nogueira estavam criadas as condições para uma evolução profissional. Foi então que começaram a trabalhar na construção de instrumentos musicais tradicionais, ligados ao mundo rural. Um passo curto, mas que exigiu um estudo profundo na área dos instrumentos musicais.

"Normalmente, são instrumentos simples". Tréculas, apitos ou matracas, eram já velhos conhecidos de António Fernandes, "porque quando era miúdo ainda usei instrumentos que eu próprio construía". "Outros via na aldeia usarem as pessoas mais velhas, como as sarroncas". Depois, o resto foi fruto de pesquisa. Principalmente através de livros, como "Instrumentos Musicais Populares Portugueses", de Ernesto Veiga de Oliveira, e também através de contactos com pessoas que ia conhecendo.

Grande parte destes instrumentos está hoje desaparecida. Mas António Fernandes não lamenta o seu fim. "Faz parte da evolução". Tudo tem um tempo. Estes instrumentos tiveram o seu tempo, mas a introdução de novos elementos culturais trazidos de outras paragens pôs fim aos seus reinados. "Hoje em dia já não se justifica fazer o bailarico como naquele tempo, ao toque de harmónica ou de concertinas".

Uns em desaparecimento outros já desaparecidos, a serra da Nogueira voltou a vibrar com os sons de sarroncas, zaclitracs, matracas, tréculas, chincalhos, e afins. "Tentava fugir sempre um bocado ao tradicional, pelo menos nos materiais". As sarroncas deixaram de se fazer com bilhas de barro, e passaram a ser de madeira esculpida. Talvez daí a associação das pessoas à cultura africana. "Para mim, estar a construir uma sarronca com um cântaro já não tinha grande piada. Está tudo feito, é só aplicar." Outras vezes dava estilos próprios aos instrumentos. Formas próprias ou sons mais elaborados.

#### Fraco reconhecimento institucional

O bom trabalho realizado despertou um natural reconhecimento de determinados sectores de público. Os instrumentos de António e Branca foram parar às páginas do jornal

"Expresso", e o casal de artesãos tornou-se presença habitual nas principais feiras de artesanato do nosso país, com destaque em vários catálogos especializados.

Apesar disso, os apoios do sector público foram quase inexistentes. "Se recorria ao Centro de Turismo ou ao Instituto de Emprego para ir a uma feira, eles rejeitavam sempre. Nem sequer queriam ouvir falar." António não consegue compreender as razões de semelhante comportamento, mas julga ser por não o associarem à cultura local. "Não me identificavam com a cultura tradicional apesar de eu, às vezes, mostrar documentos", desabafa. "Para eles uma sarronca era um instrumento africano, e achavam que eu não tinha nada a ver com a cultura transmontana".

Sem quaisquer ajudas, acabou por voltar costas às entidades que não o apoiavam. "Se quero ir a uma feira inscrevo-me e vou". Não vale a pena tentar lutar contra tanta burocracia. Às vezes sabia da existência de programas de apoio ao artesanato, mas quando solicitava às instâncias oficiais a consulta de documentos "nem nos deixavam consultar, diziam que era só para consulta interna", reclama.

Desolado com o panorama dos apoios institucionais em Portugal, António Fernandes viria a ter conhecimento do programa LEADER durante uma feira no Algarve. Tomado por um último rasgo de esperança decidiu-se um dia a visitar a CORANE. "Ia com a mesma desconfiança. Se calhar correm logo comigo." Com surpresa, recebeu toda a informação possível, e verificou ser bastante fácil apresentar uma candidatura.

O projecto incluiu a construção de um pequeno atelier de trabalho e a colocação de painéis de energia solar. Dois pequenos ajustamentos que permitiram uma melhoria da qualidade de vida do casal, ao mesmo tempo que possibilitaram aumentos de produtividade. A energia foi mesmo o ponto de partida para uma nova etapa na vida profissional do casal, que hoje quase abandonou a construção de instrumentos, dedicando-se à construção de mobiliário rústico. Uma nova etapa que corresponde a uma necessidade de mudar. "Como sou um bocado insatisfeito, tenho de estar sempre a mudar."

João Limão  
jlimao@inde.pt

## Alguns instrumentos populares portugueses

### 1 Zaclitrac

Também conhecido como Matraca da Semana Santa, é um instrumento religioso, utilizado para acompanhar o ritmo e a anunciar a procissão. Disponha-se um grupo de miúdos a bater ritmicamente este instrumento, composto por uma placa de madeira com vários batentes, também de madeira, ou aldrabas de portas. Pertence à categoria dos Idiofones.

### 2 Chincalhos

Conjunto de instrumentos usados para "chicalhar, chincalhar ou chocalhar". Construídos com uma pequena tábua de madeira na qual são dispostas várias caricas em volta de pregos. "É das tais coisas que qualquer miúdo construía, com os pregos, as caricas, e que dá o sonzinho. Agora a gente faz aí uns chincalhos já com casca de nós, muito mais elaborados, e que fogem um bocado ao tradicional."

### 3 Sarronca

De acordo com Ernesto Veiga de Oliveira é um membrone de fricção indirecta composto de um reservatório, geralmente uma bilha, que serve de caixa de ressonância. A boca é tapada com uma pele ou bexiga esticada que vibra quando se fricciona com um pequeno pau. "Eu comecei a construir com madeira esculpida." Também conhecida por Ronca, produz um ruído grave e fundo, transformado em ronco pelo bojo da caixa. É utilizado "mais para assustar e para roncar à noite".

### 4 Galo

"Este é de madeira, mas pode ser feito com uma lata ou com um copo de iogurte, que dá o mesmo efeito. Cobre-se com pele, fura-se o rabo e leva um fiozinho". A caixa tem que levar cera para produzir o atrito que faz a vibração, ou então o fio tem de ser molhado. O som é produzido ao passar os dedos no fio e ampliado com a membrana e a caixa. Tal como a sarronca é um membrone de fricção indirecta.

### 5 Cartaxo

Tradicionalmente construído com uma cana cortada pelo meio e com um pequeno pau preso por um elástico. É tocado com os dedos, aproveitando a tensão provocada pelo elástico. É um brinquedo, construído com facilidade pelas crianças, cujo som se assemelha às castanholas. "Mas se construirmos com essas nozes ou com caninhas pequeninas dá um som que limita, até certo ponto, uma ave que é o Cartaxo".

### 6 Flauta pastoril

Flauta de corpo cilíndrico ou ligeiramente cónico, dispõe de apenas três furos, pois é tocada com apenas uma mão. É associada à figura do tamborileiro, que toca tamboril com uma mão, enquanto com a outra utiliza a flauta para acompanhar o ritmo. Por esta razão é uma flauta com poucas notas musicais. Caracteriza-se por uma decoração típica da arte pastoril, sendo habitualmente composta por motivos esculpidos a canivete. Inclui-se no grupo dos aerofones.



fotos: INDE

Conferência sobre info-exclusão

## Um dia para mostrar o que se faz na luta contra a info-exclusão

Divulgar e partilhar projectos inovadores que utilizam as tecnologias de informação para combater a exclusão social, foi o que levou a INDE e a Fundação Aga Khan Portugal a realizar no passado dia 16 de Novembro no Centro Ismaili, em Lisboa, uma conferência subordinada ao tema da info-exclusão.

Organizada em torno das novas tecnologias como fonte de acesso à informação e formação e da sua importância para um diálogo sobre a democracia e a sociedade civil – a conferência, cujo principal objectivo era dar a conhecer experiências nacionais e internacionais no combate ao analfabetismo informático – constituiu ainda uma oportunidade para reflectir sobre uma temática actual e de reconhecida importância.

A atenção dos participantes começou por recair sobre uma caravana muito especial que percorre as zonas rurais do País de Gales. Peter Gwyn Williams, da Antur Teifi – a organização gestora do programa – explicou o que é e como funciona a **Telecabana**.

Depois António Leandro apresentou o projecto **Aveiro Digital**, no âmbito do Programa "Cidades Digitais". Numa clara demonstração que há imagens que valem por muitas palavras, Aveiro Digital entrou olhos e ouvidos adentro ao simples toque de um dedo.

Também por palavras e imagens, Ana Luisa Varela propôs uma visita rápida ao portal da administração pública portuguesa Infocid. Disponível desde Fevereiro, o Infocid afirma-se como um serviço público directo ao cidadão, 24 horas por dia.

A encerrar o primeiro painel de oradores, Arnaud de La Tour falou do **Ágora**; um projecto desenvolvido pela INDE, com o apoio da Fundação Aga Khan (no âmbito do qual surgiu esta conferência), e cujo principal objectivo é fomentar a utilização das tecnologias de informação, designadamente da Internet, junto de comunidades marginalizadas da área metropolitana de Lisboa.

### as novas tecnologias na construção de uma sociedade mais justa

Depois do almoço, cinco projectos de sucesso: três vindos do Brasil, um do Senegal e outro de bem mais perto, de Lisboa.

Com apenas quatro meses de existência, a **Socid** – Sociedade Digital, é uma ONG especializada em tecnologia da informação com sede no Rio de Janeiro. Explicar um pouco a sua missão, o que estão a fazer neste momento e quais os resultados já atingidos, foi o que Alexandre Magalhães Rangel, um dos coordenadores da Socid, procurou fazer no menor espaço de tempo possível.

Numa apresentação mais extensa mas igualmente interessante, Martin Faye falou da rede das 46 estações de **Rádios Rurais** com acesso à Internet espalhadas pelo Senegal e

Guiné Conakry, e a sua importância para as populações locais beneficiárias.

Rodrigo Baggio foi o senhor que se seguiu. Um jovem carioca, com apenas 32 anos, que, literalmente, transformou um sonho em realidade: pôs os jovens das favelas do Rio de Janeiro a "mexer" nos computadores, conseguindo assim promover a cidadania, alfabetização, ecologia, direitos humanos, etc. Hoje, é director do **CDI** – Comité para a Democratização da Informática – e está à frente de uma rede de 346 Escolas de Informática e Cidadania.

Também do Rio de Janeiro, veio Paulo Lima para apresentar a **RITS** – Rede de Informações para o Terceiro Sector – que disponibiliza aos seus associados informação de qualidade via Internet.

Finalmente, foi a vez de conhecer **Comunidades em Movimento**. Um projecto de apoio à integração social de minorias étnicas residentes em Portugal que envolve 40 associações de imigrantes.

### uma mão cheia de ideias contra a info-exclusão

A qualidade das intervenções, assente no sucesso das experiências e, nalguns casos, também na capacidade de exposição do orador, parece ter agradado aos cerca de 100 participantes, a maioria em representação de associações de jovens, de bairro e de desenvolvimento local, câmaras municipais, escolas e outras entidades públicas e privadas, de quase todo o país.

Mais: no final da conferência alguns dos participantes deixaram o Centro Ismaili afirmando que, de certas experiências, tinha sido possível retirar ideias bastante válidas para o trabalho das instituições onde desempenham funções. Foi o caso dos técnicos de algumas das associações de desenvolvimento local presentes. (ver caixa)

E se, antes mesmo do início dos trabalhos, já se adivinhava um forte debate, os dois momentos abertos revelaram-se claramente insuficientes. De que forma as tecnologias de informação podem melhorar a qualidade de vida de determinados grupos da população (como os deficientes, os imigrantes, os realojados) quer na vertente pessoal quer profissional, por forma a combater os níveis de exclusão social a que geralmente são submetidos, foi um dos caminhos explorados no primeiro momento de diálogo aberto.

No segundo, no final dos trabalhos, os 30 minutos que restavam mais do que para responder às inúmeras perguntas

que surgiram, serviram para pôr em destaque o essencial: onde é importante fomentar a utilização das tecnologias da informação – junto de determinados grupos de população que não têm contacto com as novas tecnologias nem acesso à informação e formação – é justamente onde as tecnologias de informação funcionam como factor de agravamento da exclusão pré-existente.

Um ciclo vicioso sem solução – foi a afirmação/interrogação que ficou no ar. E apesar de não ter havido tempo para chegar a muitas conclusões, ficaram algumas pistas importantes para se começar a falar de info-inclusão.

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt

### Opinião – Conferência

Os exemplos apresentados ajudaram a mostrar o que podem, efectivamente, fazer as associações de desenvolvimento local nesta área (pólos, centros multimedia, etc.) para apoiar mais as zonas rurais isoladas. Achei particularmente interessante o CDI pelo efeito multiplicador do projecto. **Inácia Lopes/ACE Monte**

Participar na conferência permitiu, antes de mais, ver o que se anda a fazer e depois aprender, porque temos alguns projectos nesta área na forja – como o de vir a colocar em rede, via Internet, todos os produtores e animadores turísticos da zona de intervenção da associação. **Miguel Velez/In Loco**

O tema é interessante e actual. Aprendi muito com a apresentação de projectos como o **Ágora** e o **CDI**. Até agora, a **Adices** ainda não desenvolveu um projecto assim tão abrangente com recurso às novas tecnologias mas como as experiências apresentadas demonstraram, esta é uma das áreas a intervir no futuro. **Rosa Fernandes/Adices**

Um contributo muito importante. Ver como ideias simples podem funcionar na prática – como o caso da rede de rádios rurais no Senegal. Muitas ideias para tentar aplicar, quer internamente quer ao nível das relações da associação com a população. **Sara Romão/Rota do Guadiana**

**Ágora** > O Projecto Ágora tem por objectivo fomentar a utilização das tecnologias de informação, fornecendo formação técnica de base em informática, facilitando o acesso à informação por parte de comunidades carenciadas, através do apoio à criação de páginas e caixas de correio electrónico para associações comunitárias (e assim ajudar a quebrar o isolamento a que estão sujeitas) e, ao mesmo tempo, melhorar o serviço prestado pelos pólos da INDE em Alhandra, Sobralinho, Prior Velho e Odemira de forma a permitir uma resposta em tempo útil, a oportunidades de emprego que surjam em qualquer uma destas áreas. [www.inde.pt](http://www.inde.pt)

**Aveiro Digital** > Aveiro foi a primeira cidade digital criada no âmbito do Programa "Cidades Digitais", lançado em 1998 pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia. Actualmente, a disseminação das iniciativas Aveiro-Digital é feita através de 18 Centros Públicos de Serviços Aveiro-Digital, localizados nas 14 Juntas de Freguesia e em três bairros sociais do concelho. O principal - a Montra Aveiro Digital - localizado no coração da cidade, assume uma importância central em toda a estratégia de apropriação pela população do valor e da utilidade das iniciativas. [www.aveiro-digital.com](http://www.aveiro-digital.com)

**CDI** > O CDI - Comité para Democratização da Informática é uma ONG, sem fins lucrativos, que desde 1995, procura levar a informática às populações menos favorecidas do Brasil e de todo o mundo. Através das Escolas de Informática e Cidadania, o CDI implementa programas educacionais e profissionalizantes com o duplo objectivo de reintegrar crianças e jovens de comunidades pobres (diminuindo assim os níveis de exclusão social a que são submetidos), e promover a cidadania, alfabetização, ecologia, saúde, direitos humanos e não-violência. [www.cdi.org.br](http://www.cdi.org.br)

**Comunidades em Movimento** > Criado no âmbito do Programa "Pelos Minorias", o projecto Comunidades em Movimento preconiza a integração social de minorias étnicas residentes em Portugal. Através das tecnologias de informação (e da formação para a sua correcta utilização), o projecto procura sensibilizar estes públicos para as vantagens do seu uso no reforço das suas competências pessoais e profissionais. A comunidade Cabo-verdeana é uma das 40 associações de imigrantes envolvidas no projecto que já se encontra on line. [www.balsite.com](http://www.balsite.com)

**Infocid** > Infocid é o portal da administração pública portuguesa que permite a qualquer cidadão ter acesso a um conjunto alargado de informações, 24 horas por dia, sem sair de casa ou do escritório, no país e no estrangeiro. Através do Infocid é possível, por exemplo, pedir certidões, aceder aos Diários da República, consultar os cadernos de recenseamento eleitoral, fazer requerimentos e declarações para a Segurança Social, obter modelos de impresso e minutas, pesquisar nomes e endereços de todos os organismos públicos e muitas outras informações úteis. [www.infocid.pt](http://www.infocid.pt)

**INTERNET e Rádios Rurais** > Este projecto consiste numa rede de 46 estações de rádios rurais no Senegal e Guiné Conakry. Através de seis/sete horas diárias de emissão, na língua do território, faz-se sensibilização sobre agricultura, saúde, ambiente, educação e de outras questões importantes que de outro modo dificilmente se conseguiria fazer. Geridas por um comité eleito pela população e financiadas pelos recursos locais, estas estações de rádio estão dotadas de Internet e, por isso, funcionam também como cybercafés, oferecendo assim uma grande diversidade de serviços às populações. Intermedia-consultants é um gabinete de estudos que fornece serviços no domínio das telecomunicações e do desenvolvimento rural nos países africanos, e que organizou uma acção de formação para estas rádios rurais, afim de potencializar o uso da Internet e a sensibilização das populações locais para as novas tecnologias. [www.intermedia-consultants.net](http://www.intermedia-consultants.net)

**RITS** > Surgiu há apenas três anos e meio mas já é uma referência em produção e disseminação de informações sobre e para o terceiro sector no Brasil. Para além da articulação da sociedade civil em redes, e o fornecimento de ferramentas para o uso das tecnologias digitais de comunicação e informação para as organizações, a RITS procura também fazer da Internet um espaço para o exercício da democracia participativa. Com mais de 200 organizações associadas, representando os mais variados segmentos da sociedade civil organizada no país, a RITS conta, actualmente, com uma média de 1,3 milhões de page views por mês. [www.rits.org.br](http://www.rits.org.br)

**SOCID** > Criada em Julho, a Socid é uma ONG, com sede no Rio de Janeiro, que tem por principal objectivo democratizar o acesso aos meios digitais de informação, com prioridade para os segmentos sociais menos favorecidos e discriminados, levando ferramentas da tecnologia de informação às organizações da sociedade civil para o combate à exclusão digital. Fornecer informações sobre novas tecnologias, implantar meios digitais de comunicação, elaborar projectos de tecnologias de informação, prestar suporte em informática, criar páginas web e desenvolver programas específicos e elaborar manuais para as ONG's é a sua principal missão. [www.socid.org.br](http://www.socid.org.br)

**TELECABANA** > A Telecabana consiste numa caravana equipada com tecnologias de informação e de comunicação, deslocando-se nas aldeias do País de Gales para sensibilizar, apoiar e formar a população rural, permitindo assim uma larga difusão das novas tecnologias em regiões isoladas e carenciadas. Antur Teifi é uma organização com sede em Newcastle (Inglaterra), criada em 1979, que tem vindo a desenvolver infra-estruturas económicas e sociais, como o projecto Telecabana. [www.anturteifi.org.uk](http://www.anturteifi.org.uk)



## Encontro "Desenvolvimento Local e Acção Socioeducativa" **Desenvolvimento Local foi à escola**

A abertura de uma opção em Desenvolvimento Local no curso de Animação Socioeducativa da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), foi o ponto de partida para o Encontro "Desenvolvimento Local e Animação Socioeducativa", que decorreu nas instalações desta unidade de ensino, nos passados dias 14 e 15 de Novembro.

A iniciativa, organizada pela ESEC, contou com a participação de Rosário Serafim, da Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER, Alberto Melo, presidente da Direcção da ANIMAR, e representantes de quatro associações de desenvolvimento local.

Sob signo de três ritmos de análise e acção: primeiro, o ritmo da terra e do território; segundo, o ritmo dos pensamentos e dos valores; e terceiro, a acção baseada na troca, nas parcerias e na comunicação, este encontro procurou contribuir para a construção da representação profissional do Animador, promover um reflexo sobre o desenvolvimento local, e divulgar iniciativas locais e regionais neste âmbito.

Rosário Serafim, "abriu as hostilidades" com uma intervenção em que destacou o importante papel do programa LEADER, salientando a experimentalidade e o carácter local das experiências de desenvolvimento local, como factores que assumem a diferença, para "contrariar os efeitos perversos do crescimento desigual".

Num segundo capítulo de intervenções, representantes das associações ADIBER, ADICES, IN LOCO e GAF, mostraram à assistência no que consiste o trabalho de uma associação de desenvolvimento local. Miguel Ventura, da ADIBER, defendeu que, uma vez identificadas dificuldades, a sua associação trabalha com o objectivo de criar condições para a fixação de pessoas e atrair investimentos. A "aposta é nas pessoas, no imaterial, para depois surgirem as estruturas". Daí que a qualificação de recursos humanos tenha sido uma das áreas prioritárias na ADIBER. As eco-brigadas, os estágios profissionais, a ludoteca itinerante ou a rede telemática nas escolas são projectos apresentados que se enquadram nesta dinâmica formativa.

Em representação da ADICES, Regina Lopes preferiu dar um exemplo de algumas reflexões no seio da associação, em vez de fazer uma breve enumeração de projectos. Na procura de uma abordagem diferente, em 1994 a ADICES iniciou o seu trabalho com a população infantil. Face a uma população que continuava a deixar o território, procurou-se identificar quais as perspectivas das crianças, através de redacções e desenhos realizados nas escolas. Descobriu-se que "a visão das crianças era uma visão de urbanização do meio rural, o que resulta do problema da massificação de comportamentos". Estas respostas foram consideradas para a elaboração de um plano de actuação, no qual "previmos acções cujo objectivo central fosse o embelezamento e requalificação dos espaços rurais". Desta forma, tentou-se direccionar a intervenção para áreas identificadas pelas crianças.

Nelson Dias compreende que o grande problema de uma associação seja a estratégia de articulação dos territórios. "Como chegar às populações?" A resposta encontrada pela IN LOCO foi a criação de uma rede de animadores locais. Os animadores são o elo de ligação entre a associação e a população local. A IN LOCO apoia o trabalho dos animadores, e procura

dar-lhes competências. Num segundo plano, o representante desta associação algarvia apontou três áreas de intervenção: a animação, as acções de formação e a organização. Num resumo, "o que a IN LOCO procura fazer é educação de adultos e formação para cidadania".

A última das quatro associações presentes no Encontro foi o Grupo Aprender em Festa (GAF), que fazendo jus ao nome transformou o auditório da ESEC num espaço de festa e divertimento. Carlos Bernardo, Fátima Veiga, Maria da Luz, José João e Nuno Santos, entraram no auditório ao ritmo do bombo e trajados de cabeçudos. Num teatro improvisado contaram que "A aventura começou... há 12 anos atrás", e explicaram como é que um grupo de pessoas com profissões variadas desafiou as escolas e jardins de infância a fazerem uma festa comunitária. Depois, formaram-se grupos de teatro e cantares, fez-se uma Feira Popular, criou-se uma ludoteca itinerante, entre outros projectos e mesmo associações que daqui nasceram. Sempre desafiados pelas dificuldades.

A fechar as intervenções dos convidados, Alberto Melo proferiu a comunicação "Do local para o global; do global para o local". O presidente da ANIMAR fez a ponte entre as intervenções das associações no terreno e a perspectiva global. Uma intervenção que apresentou o conceito de Global como uma etapa de continuidade num sistema que é o capitalismo, e que impôs "a lógica economicista e o princípio da rentabilidade sobre outros aspectos". Esta é a ideologia de que tudo deve obedecer à lei da oferta e da procura, "tudo tem um preço e nada tem valor", e que levou ao agravamento das desigualdades sociais e económicas. De acordo com Alberto Melo, o desenvolvimento local é "a resposta à aposta dos grandes centros mundiais de uma globalização hegemónica".

Em palavras ao "Pessoas e Lugares", o presidente da ANIMAR reconheceu que a resposta do desenvolvimento local em áreas como o emprego é apenas parcial, mas "é uma resposta importante que pode trazer e atrair outras respostas". O desenvolvimento local funciona como uma alternativa e um motor de arranque. Questionado sobre qual o papel das associações face aos poderosos apelos de grandes potentados comerciais, Alberto Melo destacou que "é muito importante mostrarmos que não há uma oposição radical entre estas duas tendências: o global e o local". "O fundamental é encontrar processos que não obriguem a uma tomada de posição, mas que se consiga harmonizar posições".

A fechar os dois dias de trabalhos, coube aos professores da ESEC fazer um apanhado do temas abordados. Num debate aberto defendeu-se o desenvolvimento local como novo modelo de desenvolvimento, face à falência dos sistema clássico, e apontaram-se as associações como exemplos de eficácia no terreno. No final, a demonstrar que os estudantes aprenderam a lição, um dos alunos participantes no debate fechou a sua intervenção afirmando que "o desenvolvimento local passa mais pelo envolvimento das pessoas locais do que por elaborações teóricas que ninguém entende".

João Limão



**O BOMBARRAL E OS SEUS BALDIOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**  
CAVACO, Cláudio Filipe de Almeida; Museu e Câmara Municipais do Bombarral, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / LEADER OESTE

O autor revela, logo no início da introdução, o seu envolvimento directo com a terra: "Este estudo é, antes de tudo o resto, o resultado de uma profunda relação afectiva e sentimental com a terra da minha família pela parte materna." Daí que o trabalho histórico esteja envolvido do entusiasmo que significa "uma homenagem a uma terra e a gentes que amo profundamente".

Os baldios, enquanto espaços com características e funções específicas na comunidade, as relações entre as populações e as teias tecidas pela utilização dos espaços são aqui abordados a partir de uma investigação documental mas também através da observação e da pesquisa da memória dos habitantes.

O século XIX é o domínio temporal deste trabalho, que aborda ainda os aspectos demográficos, fundiários, climáticos, ocupacionais e sociais do Bombarral, na altura ainda sem identidade municipal mas integrado no concelho de Óbidos.

Uma obra essencial para a identidade cultural do Bombarral e um trabalho interessantíssimo para a problemática dos baldios em Portugal.



**A REPÚBLICA EM CHAVES**

MACHADO, Júlio M.; Grupo Cultural Acquae Flaviae, 1998

Com o apoio do Programa LEADER II / ADRAT

Chaves sempre desempenhou o papel de uma importante praça forte na defesa da fronteira do Norte. Mas para além desse papel, desempenhou também uma função fundamental na afirmação da República, designadamente na defesa contra as incursões monárquicas.

"O título 'A República em Chaves' não é, por isso, uma marca puramente casual. Efectivamente existiu nesses anos, um punhado de homens que entregaram à 'sua' República uma dedicação, que num meio adverso como seria essa terra dos confins de Trás-os-Montes, se transformou numa legenda perdurável muitos anos depois, como uma 'terra do revirinho'." Os protagonistas e os factos daqueles tempos conturbados da afirmação da República em Chaves são apresentados exhaustivamente neste ensaio histórico que perpetua uma das marcas da afirmação da identidade da cidade de Chaves e da sua região de influência.

O trabalho é acompanhado de um significativo espólio documental fotográfico da época.



**ABRANTES. ROTEIRO TURÍSTICO**

Câmara Municipal de Abrantes, 1998

Com o apoio do Programa LEADER II / TAGUS

Este caderno roteiro, destinado aos visitantes numa primeira abordagem ao concelho de Abrantes, inclui uma pequena informação histórica, uma referência a locais dignos de visita e informação sucinta sobre artesanato, gastronomia e serviços disponíveis, incluindo uma referência especial ao alojamento.

Inclui um mapa da cidade e outro do concelho com indicação dos principais pontos de interesse.



**DE PEQUENINO SE COMEÇA...**

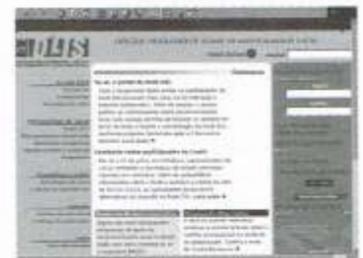
Centro Cultural de Borba, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / MONTE/ACE

Esta edição do Centro Cultural de Borba inclui os trabalhos premiados no concurso de poesia realizado entre os alunos das escolas de Borba no ano lectivo de 1998/99.

A amizade e solidariedade, a liberdade, o 25 de Abril e o amor são temas dos poemas apresentados.

"Na sombra de uma azinheira / A liberdade encontrei, / A ditadura soltei / E então amei / O Alentejo sem igual / Devastado se encontrou / O povo se revoltou / E o 25 de Abril se passou. / A vida continuou, / Mas foi o povo que pagou."



**www.rededlis.org.br**

O desenvolvimento integrado e sustentável é o tema central deste portal criado por várias organizações - brasileiras e internacionais - ligadas a várias áreas de desenvolvimento. Este é o site que representa a Rede Dlis e é o instrumento que permite atingir alguns dos objectivos a que esta rede se propõe, nomeadamente a facilitar acesso à informação e serviços ligados ao desenvolvimento local, fomentar o trabalho em rede e o debate como forma de qualificação daqueles que trabalham o tema.

Além da apresentação desta rede (a proposta, os participantes e os encontros realizados em 2001) este portal disponibiliza, ainda, os principais "Instrumentos de apoio" - artigos, manuais, guias metodológicos, bases de dados - e os "programas e acções" - estratégias e principais experiências - onde reside grande parte do trabalho desta rede.

Um destaque especial deve ser dado ao item "Leituras" onde se podem encontrar uma grande variedade de publicações e textos sobre o desenvolvimento integrado e sustentável, com a vantagem de muitos poderem ser descarregados directamente.

Este portal poderá constituir um exemplo de como, no futuro, os resultados, o debate, as experiências e outros diversos instrumentos de trabalho sobre um tema específico podem ser disponibilizados de forma coerente e organizada a todos os potenciais interessados usando a Internet como ferramenta de trabalho.



**www.ambienteonline.pt**

Este é um portal Internet especialmente criado para ser um recurso informativo na área do ambiente. Apresentando-se como um centro de serviços especializado nas questões ambientais tem como objectivo principal responder às necessidades de informação que actualmente surgem ligadas às questões ambientais. O acesso à informação está organizado nos vários itens que compõem o menu de consulta da página principal. As possibilidades de consulta são vastas. Destacam-se os títulos "produtos e serviços", "formação" e "biblioteca".

No primeiro são divulgados os novos produtos e serviços de protecção ambiental que são lançados no mercado ligados aos principais poluentes (resíduos, ruído) e aos recursos naturais (energia, água, ar) à sua gestão e conservação. Na área de formação são indicados os principais cursos e acções de formação ambientais com possibilidade de pesquisa múltipla num motor de busca. O mesmo tipo de consulta é permitido no item "biblioteca" onde se podem encontrar publicações importantes sistematizadas de forma clara por grandes temas ligados ao ambiente.



**www.qca-pt**

O site www.qca.pt é essencialmente um local de sistematização de toda a informação referente ao Terceiro Quadro Comunitário de Apoio para o período 2000-2006. Não atingindo um grande nível de detalhe dentro de cada programa de apoio trona-se, no entanto, num bom instrumento para quem pretende perceber ou ter uma perspectiva de como são distribuídos os apoios comunitários no nosso país.

Para dar actualidade a este site é apresentado um serviço de "notícias" relacionadas com a aplicação desses apoios organizadas por regiões - Programas Operacionais Regionais - ou por sectores - Programas Operacionais Sectoriais. A presença de outras possibilidades de consulta contribuem para a importância desta morada Internet. O item "publicações" permite visualizar, e encomendar, livros relacionados com os programas de apoio publicados pelos organismos oficiais. O item "contactos" permite a obter as coordenadas das estruturas responsáveis pela coordenação da aplicação do QCA III e o item "links" possibilita a ligação aos sites oficiais - nacionais e europeus - dessas estruturas. Para completar este site dispõe de um motor de pesquisa e um glossário que facilita e abrevia a consulta.



fotos: Paula Santos

## ADPM Associação de Defesa do Património de Mértola

Mértola é uma povoação muito antiga. A existência do Guadiana deve ter sido a principal razão para que, por volta do ano 1000 a.C., os pescadores se fixassem, nas suas margens, devido não só à riqueza das suas águas como ainda pelo facto de o rio constituir uma ligação com o mar. Durante a ocupação romana, Mértola foi um grande centro de comércio de minério. Mas, já no século XX, o encerramento definitivo das minas levou as gentes a partir em busca de novas fontes de rendimento, e Mértola "adormeceu" à beira do rio.

Hoje, dá-se quase o inverso. Muitos lisboetas, eborenses e bejenses encontram aí o seu campus profissional. O património histórico-cultural de grande valor científico da vila sempre atraiu "estudiosos" mas, a partir de certa altura - com a entrada de Portugal num novo quadro político, económico e social - o grupo foi-se alargando.

Actualmente, Mértola é uma cidade viva, onde se juntam pessoas, dos mais longínquos lugares e variadas formações; se discutem ideias e lançam projectos que visam o desenvolvimento harmonioso do concelho. Desenvolvimento em cujo processo têm um papel importante e decisivo algumas entidades locais, como o Campo Arqueológico de Mértola, a Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM) e, mais recentemente, o Parque Natural do Vale do Guadiana.

Criada em 1980, a ADPM nasceu "à luz dos primeiros passos do desenvolvimento local em Portugal". Rosário Oliveira, actual presidente da Direcção, não acompanhou a história do nascimento da associação, mas não tem quaisquer dúvidas quando afirma que "desde o início servem de orientação (à ADPM) princípios e valores que em tudo se aproximavam do conceito de sustentabilidade, ideia que só obtem divulgação mundial em 1987".

Uma estratégia orientada inicialmente para o interior do concelho e assente nos recursos que a própria região oferecia mas, "à medida que as áreas de trabalho se foram avolumando, assistiu-se de forma perfeitamente natural, a um género de especialização, tanto ao nível das áreas de intervenção propriamente ditas, como inclusivamente em relação à predominância de âmbito geográfico de actuação de cada uma das entidades dentro do concelho de Mértola".

Contudo, a parceria nunca deixou de ser uma palavra-chave e uma prática na ADPM. Segundo Rosário Oliveira, "as parcerias activas, envolvendo diferentes entidades públicas e privadas, colectivas e individuais, permitem definir estratégias de desenvolvimento que passam necessariamente pela melhoria das condições de vida das populações, através de projectos integrados de reabilitação dos recursos locais em conciliação com uma gestão ambiental sustentável".

Depois, ao nível da própria associação, a continuidade de algumas parcerias locais, nacionais ou internacionais, para além do término dos projectos que lhe deram origem é, na sua opinião, um sinal extremamente positivo. Rosário Oliveira fala de "parcerias facilitadoras".

### Envolver primeiro, para desenvolver depois

Um dos primeiros projectos onde isso aconteceu foi no da "Preservação e Valorização do Património Natural do

Troço Médio do Vale do Guadiana", apresentado pela ADPM em 1991 e aprovado um ano depois, no âmbito do Programa LIFE. De todas as acções realizadas nos três anos do projecto, a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana (em 1995) terá sido o maior desafio.

E tanto assim foi que Rosário Oliveira fala das actividades desenvolvidas antes e depois da criação do Parque. No "antes", Rosário Oliveira centra-se no projecto da própria criação do Parque, cuja estratégia passou sobretudo pela divulgação das potencialidades existentes e das ameaças, através da edição de brochuras, postais ilustrados, cartazes e publicações técnicas, a criação do Eco-museu do Guadiana, e a definição de uma rede de cinco percursos temáticos - onde actualmente estão a ser desenvolvidas um conjunto de actividades de animação e a construção de estruturas de apoio ao turismo.

A integração da ADPM, através do projecto CADISPA (Conservação e Desenvolvimento em Áreas Escassamente Povoadas), apoiado pelo WWF (Fundo Mundial para a Natureza), numa equipa internacional empenhada em desenvolver um projecto em áreas de cinco países da União Europeia com características comuns entre si, permitindo não só um forte intercâmbio de experiências como um enriquecimento significativo da capacidade de trabalho da ADPM na área da educação ambiental, foi outra das valências que a criação do Parque trouxe consigo.

Uma vez criado o Parque e concluído o Projecto CADISPA, surgiu a necessidade de continuar esta intervenção. Surge então, em 1997, o "Guadiana Vivo". Um projecto, em parceria com o Parque, e apoiado pelo WWF, planificado para três anos, e que visa promover a conservação e o desenvolvimento do Parque Natural do Vale do Guadiana. Como? Estimulando a população local para a participação activa na gestão do Parque; organizando e apoiando uma rede de professores do concelho capazes de implementar programas de educação ambiental nas escolas; fazendo do Parque um centro qualificado para a educação ambiental em Portugal.

A criação de um centro de educação ambiental - o Centro de Estudos e Sensibilização Ambiental do Monte do Vento - numa propriedade com cerca de 200 hectares, num dos locais mais carismáticos da região, o Pulo do Lobo, e adquirida com o apoio do Programa LIFE, foi uma das componentes mais fortes deste Projecto, e trouxe uma importante mais-valia à associação na área ambiental - uma das suas principais linhas de actuação, como afirma Rosário Oliveira. "Temos vindo a conseguir tocar vários aspectos do desenvolvimento mas claro que temos um carinho muito especial pela área da educação ambiental, até porque continuamos a afirmar que essa é uma temática transversal a muitas outras".

### Dificuldades no presente, desafios para o futuro

A "máquina" que está por detrás de tudo isto (e muito mais) não é pequena e por isso, também não é fácil de gerir. Actualmente, trabalham na ADPM 36 técnicos repartidos por quatro grandes áreas de trabalho (ambiente e educação ambiental, desenvolvimento, formação profissional e acção social) e pelos quatro pisos

do edifício (próprio) da associação, mesmo no centro da vila de Mértola.

Uma equipa multidisciplinar e jovem que tem vindo a "crescer" e a "encolher" ao longo dos mais de 20 anos da associação. Um aspecto fácil de entender mas que, por vezes, se torna numa grande dificuldade. "Acontece que pessoas que vão sendo formadas na associação procuram outras soluções, sobretudo os jovens que não têm disponibilidade de se envolverem num projecto destes que acarreta riscos, insegurança. Trata-se de um processo natural, quase inevitável e que, na maior parte dos casos, pessoalmente, entendo e até dou apoio", diz Rosário Oliveira.

No seu caso, a viver há 12 anos em Évora, onde se formou (em Arquitectura Paisagística), Rosário começou por desenvolver algum trabalho técnico para a ADPM e, há cerca de três anos, aceitou o convite para integrar a Direcção da ADPM. "Anteriormente apenas desempenhava trabalho técnico por opção, porque isso era exactamente o que queria fazer, mas neste momento, até pelo percurso que já fiz e pelo domínio de algumas áreas de trabalho que fui ganhando, acho que posso dar um contributo para o seu funcionamento".

Funcionamento e manutenção ou, por outras palavras, gestão financeira. Esta é a maior dificuldade da ADPM (como aliás de tantas outras associações similares). E ainda que o sócios sejam em número elevado (1400) esta não é uma fonte de financiamento significativa. "O nosso maior desafio é a sedimentação da equipa e para isso há que encontrar soluções financeiras, seja através de programas comunitários, nacionais ou outros, como desenvolver estruturas rentáveis, sob a forma de pequenas empresas ou cooperativas".

A curto prazo, "e se tudo correr bem", o novo LEADER que aí vem (e que nunca mais chega) poderá vir a ser um contributo importante nos próximos anos, uma vez que a ADPM faz parte da associação entretanto constituída para o efeito Terras do Baixo Guadiana. A experiência adquirida enquanto NAL (Núcleo de Acção Local) para a implementação do LEADER II da Associação Rota do Guadiana concerteza far-se-á sentir no terreno, pois como diz Rosário Oliveira, "foi um grande ensinamento e que a ele se deve esta perspectiva de trabalho que temos actualmente".

Veículo de comunicação biológica e cultural, matriz de um vasto património natural, histórico e paisagístico, o rio Guadiana continua a ser "a musa inspiradora" da ADPM. Por isso, o restabelecimento da sua navegabilidade é um dos projectos que o LEADER poderá vir a apoiar. Nessa altura, poderão então os pescadores voltar para o rio...

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt

### ficha técnica

nome: ADPM - Associação de Defesa do Património de Mértola | morada: Largo Vasco da Gama 7750 Mértola | telefone: 286 610000 | fax: 286 610001 | e-mail: info@adpm.rcts.pt | equipa: Rosário Oliveira (presidente da Direcção), Mariana Oliveira Lopes (Ambiente e Educação Ambiental), Cláudia Melo (Agricultura Biológica), Natália Henriques (Turismo), Sandra Cascalheira (Desenvolvimento Local), Isabel Pardal (Formação Profissional), Patrícia Saldanha (Área Social).



fotos: Paula Santos

A magia do gesto das apanhadeiras foi substituído por máquinas mas na fábrica o processo de transformação das folhas de chá continua a obedecer aos mesmos passos que os ensinados pelos chineses há mais de cem anos aos micalenses. É um misto de tradição e inovação que perspectivava o reavivar de uma cultura que já foi das mais significativas na ilha de São Miguel.

# Chá dos Açores

## Na tradição do mais puro chá

Longe vai o tempo em que as apanhadeiras avançavam lentamente pelo coração das plantações de chá. Com o rosto tapado para se protegerem do sol, e apenas com a ponta dos dedos deixados de fora de umas meias velhas que enfiavam nas mãos, as mulheres separavam da planta, num gesto rápido e preciso, os rebentos com a quantidade exacta de três folhas - nem mais uma. Depois de terem juntado um bom punhado de folhas, atiravam-nas para a cesta que traziam no braço. Quando esta estivesse cheia despejavam-na numa outra maior - a chamada cesta de quatro palmos - que os homens transportavam até à fábrica.

Era assim, há quarenta ou cinquenta anos, a apanha das folhas da planta do chá - *Camellia sinensis* - na ilha de São Miguel, nos Açores. Mas a falta de mão-de-obra provocada pela emigração, na década de 60, obrigou os produtores a recorrer às máquinas, nomeadamente na fase da colheita. Foi o fim das apanhadeiras de chá nos Açores - o único local da Europa onde existem plantações de chá para fins industriais.

A história destas mulheres começa em 1878, quando, por iniciativa da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, chegaram a São Miguel dois chineses para ensinar o processo de transformação industrial do chá. A planta do chá terá sido introduzida na ilha mais cedo, por volta de 1820, em resposta à crise da laranja mas só a partir daquela data é que a cultura floresceu.

Em poucas dezenas de anos, dadas as boas condições para o seu cultivo (clima temperado e húmido e solos vulcânicos) a aposta no chá ultrapassou todas as expectativas, revelando-se um excelente negócio. Na época de ouro, nos anos 40, São Miguel produzia 700 toneladas de chá por ano.

Contudo, as restrições às trocas com o exterior, decorrentes das duas Grandes Guerras, obrigou à orientação para outras culturas, "mais necessárias à subsistência e autosuficiência", levando ao inevitável declínio do chá. Em 1966, das 15 fábricas que chegaram a existir na ilha apenas restavam cinco e, nos anos 80, desapareceram quase todas. Actualmente, existem apenas duas e a produção anda à volta das 40 toneladas.

### novas apostas...

A abertura dos Açores ao turismo e o crescente interesse da comunidade científica

pelo chá, sobretudo do verde - cujas propriedades terapêuticas e medicinais já são amplamente conhecidas - associado a uma certa redescoberta e revalorização do produto, têm vindo a contribuir para o reavivar de uma cultura que já foi das mais importantes de São Miguel.

A fábrica mais antiga, a Gorreana, funciona desde 1883 e está intimamente ligada a uma família açoreana e à história do chá em São Miguel. Há mais de 30 anos à frente do negócio, Hermano Ataíde Mota diz que sabe "o que custa fazer um quilo de chá e o quanto custa pôr uma planta a produzir".

Este ano, a Gorreana produziu 35 toneladas de chá, provenientes de 32 hectares. Já foi melhor, já foi pior. Altos e baixos de um negócio que o actual proprietário não acredita que vá crescer muito mais nos próximos anos, apesar do crescente número de turistas por aquelas paragens. Até agora, a venda directa não atingiu valores muito significativos em termos de vendas e a exportação, sobretudo para a Alemanha, Estados Unidos e Canadá, também não tem grande peso (cerca de 20%). E apesar de as vendas no Continente começarem a ganhar alguma dimensão, o mercado local continua a ser o principal destino do chá Gorreana: Hysson (chá verde) e Orange Pekoe, Pekoe e Broken Leaf (chás pretos).

A unidade de Porto Formoso reabriu há pouco mais de seis meses - 20 anos depois da última colheita. O projecto, desenvolvido por um filho da terra com formação em engenharia agrícola e tradições familiares no ramo, abrangeu não só a total remodelação da fábrica, reconversão da plantação (três hectares) como ainda a criação de um espaço museológico e uma sala de chá onde os visitantes não só podem saborear o chá como adquirir algumas embalagens de um dos três tipos de chá preto produzidos naquela fábrica: Orange Pekoe, Pekoe e Broken Leaf.

Num futuro próximo e como forma de complementar o projecto, cujo investimento já se situa na casa dos 100 mil contos, António Pacheco pretende tirar partido das infraestruturas da quinta transformando-a numa unidade de agro-turismo.

Mas, para já, a sua principal preocupação é produzir um chá de "superior qualidade". Para isso, a fábrica dispõe de um laboratório onde são controladas todas as fases de transformação das folhas e têm lugar as provas. Este e outros três projectos (a realização

de um documentário sobre o chá Porto Formoso, a criação e produção da embalagem para o chá, assim como de um folheto e a construção de um miradouro junto à fábrica) beneficiaram do apoio do Programa LEADER II através da associação local ASDEPR.

### seguindo a tradição

E se nas plantações as apanhadeiras foram substituídas por máquinas, na fábrica assiste-se a um misto de tradição e inovação. A tecnologia apenas conseguiu impor-se em algumas fases como a secagem e a selecção.

Mas comecemos pelo princípio. A apanha das folhas é feita de Abril a Setembro, coincidindo com uma época de pouca pluviosidade. Após a apanha, as folhas são levadas para a fábrica onde ficam expostas ao ar em tabuleiros de rede durante 24 a 48 horas, perdendo assim cerca de 30% do seu peso em humidade. Murchas as folhas ficam mais maleáveis e estão em condições de passar à fase seguinte: a rolagem. A folha fica a rolar durante 35 minutos, originando o parcial esmagamento dos tecidos. Depois expostas ao ar sofrem um lento processo natural de oxidação, fermentação e secagem. Ao fim de três horas e meia as folhas têm uma cor de cobre e o cheiro é intenso. As folhas de chá avançam então para a secagem através de um sistema de passadeiras rolantes. A 90 graus centígrados as folhas ficam prontas para a infusão. Chá seco chá feito.

A fase seguinte é a selecção. Antigamente, era "a máquina do vento" (como lhe chamavam) que separava as folhas. Hoje em dia, a selecção é uma das fases onde a tecnologia se impôs definitivamente. Mas, ainda assim, é a que implica um acompanhamento mais exigente, pois é aqui, por meio de calibragem, que as folhas do rebento são separadas. A primeira, juntamente com o botão, dá origem a um chá muito aromático - Orange Pekoe, a segunda a um chá com aroma e paladar menos acentuados - Pekoe, enquanto que da terceira e última folha resulta um chá menos aromático mas mais suave - Broken Leaf. No final, o inconfundível chá dos Açores.

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt

## Ficha Técnica

### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

### Propriedade:

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

### Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq. 1700-304 LISBOA

Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623

Email. caleader@inde.pt

Site: <http://caleader.inde.pt>

### Mensário

**Director:** Samuel Thirion

**Editor:** Camilo Mortágua

### Chefe de Redacção:

Francisco Botelho

**Editor Gráfico:** Ana Alvim / Isto É

**Redacção:** Helena Santos, João

Limão, Paula Matos dos Santos,

Maria do Rosário Aranha

### Colaboraram neste número:

Luis Alvarez, Luis Chaves

### Paginação e pré-impressão:

Isto é, comunicação visual, lda

Rua de Serralves, 693-697

Apartado 1503

4107-001 PORTO

Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79

e-mail: isto-e@esoterica.pt

### Impressão:

Tipografia Silvas, CRL

Rua D. Pedro V, 122 - 1º E

1250-094 LISBOA

**Número de exemplares:** 4.000

**Depósito Legal** nº 142 507/99

**Registo ICS** nº 123 607



Comissão Europeia  
Programa LEADER II